

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Coordenação



utros Combates
pela História

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

ORGANIZAÇÃO DOS TEXTOS

Isabel Maria Luciano
Marlene Taveira

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende
Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-26-0041-3

DEPÓSITO LEGAL

.....

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

2



C E I S 2 0
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XXI
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

PROGRAMA OPERACIONAL CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO DO QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO III



Maria Manuela Tavares Ribeiro
Coordenação



Outros Combates
pela História

HISTÓRIA E CIÊNCIAS

PODER PARADIGMÁTICO DA AUTO-REPRESENTAÇÃO:
UM EXEMPLO DO EXERCÍCIO DO PODER BIOGRÁFICO

1. Introdução

Os trabalhos de carácter biográfico acusam sempre um sobressalto narcísico¹. Quando alguém se ocupa da vida de outrem, sente-se obrigado a dizer ao que vem. Há as razões institucionais, ligadas ao projecto que nos acolheu; somam-se, às primeiras, as razões de enquadramento cultural e historiográfico, posto que o autor que analisamos, Egas Moniz², é incontornável a muitos títulos, quer no tocante à história da ciência, quer à história social, política e cultural, mas todo este leque de razões, expresso e óbvio, corresponde apenas àquilo a que foi chamado, na sociologia estrutural-funcionalista, «funções manifestas», tendo, tais termos e conceitos (funções manifestas/funções latentes) sido importados directamente da psicanálise³.

De facto, os excursos biográficos repartem, entre biógrafo e biografado, a notoriedade resultante, sendo que, em boa medida, o biógrafo vai frequentemente à boleia do biografado, beneficiando da notoriedade deste. Nesse sentido, poderemos admitir que a «função latente» do discurso acerca de outrem, se destina, pelo menos em parte, a engrandecer um às expensas do outro ou, pelo menos, a reforçar a identidade de um com base no conhecimento que se adquire e arvora acerca do outro.

Egas Moniz ilustrou este jogo biográfico tomando por objecto figuras da ciência e das humanidades, próximas e afastadas. Dos 34 ensaios de carácter biográfico que recenseámos, publicados entre 1924 e 1955, escolhemos os primeiros três, consagra-

¹ Este texto complementa um anterior conjunto de reflexões em que são questionadas as bases historiográficas de algumas das versões publicadas acerca da vida de Egas Moniz. Ver Correia, Manuel., «Espelho meu. Ilusão biográfica e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz» in *Estudos do Século XX*, n.º 8, 2008, pp. 187-201.

² António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, Médico Neurologista e Professor Universitário, (1874-1955).

³ Pela pena do próprio Merton: «... I have adapted the terms 'manifest' and 'latent' from their use in another context by Freud...» – MERTON, Robert K., *Social Theory and Social Structure*, New York, Free Press, 1957, p. 62.

dos, respectivamente, a Júlio Dinis⁴, ao Abade de Faria⁵, e a Camilo Castelo Branco⁶, publicados em 1924, o 1.º, e, em 1925, os outros dois.

Esta abordagem isola uma das componentes de «poder biográfico», que consiste na selecção e elaboração de versões acerca dos biografados, (perfis e desempenhos), implicando diferenças e semelhanças relativamente a quem assume o lugar do biógrafo. Coloca-se, neste caso, a questão de saber em que medida o género biográfico contribui para consolidar a identidade do biógrafo às expensas da notoriedade do biografado, criando na narrativa biográfica um espaço, mais ou menos pronunciado, para afirmar a identidade do biógrafo, expressa ou implicitamente.

O conceito de «poder biográfico» é aqui trabalhado como descritor das operações, pressupostos e estratégias que explicam a capacidade de influenciar, condicionar ou persuadir coetâneos, contemporâneos e vindouros, ao fornecer uma perspectiva, uma versão ou um padrão interpretativo centrados na vida, na biografia e na importância assumida por quem exerce esse poder. Quer quando fala de si próprio, quer quando fala de outro(s), o enunciador procede a uma significativa selecção de biografemas⁷. A análise comparativa entre biografemas adoptados e biografemas omitidos fornece indicações acerca do sentido que assistiu à selecção.

No caso particular do lugar do biógrafo, o inquérito abrange também as referências expressas e implícitas a si próprio (biógrafo), e ao valor acrescentado que a nota biográfica representa. Logicamente, quanto menos se fala de quem formalmente nos propomos falar, mais de outros e de nós próprios falamos. Chegamos, assim, à prova de consistência biográfica, isto é, ao valor latente do lance biográfico.

Independentemente de terem ou não sido explicitadas as razões da selecção do biografado, há sempre um par de evidências que nos deixam catalogar o interesse do biógrafo. Depois, a leitura pode revelar motivos cuja articulação diverge dos propósitos expressos. Finalmente, feito o balanço, pode concluir-se quais foram as matérias em que o biógrafo mais investiu, que novas revelações trouxe, que conclusões tira ou sugere.

Se adaptarmos a proposição atribuída a Newton de que *se vemos mais longe é porque nos pusemos às cavalitas de gigantes*, — para significar, entre outras coisas, que cada um de nós não parte do zero no conhecimento do mundo, tomando em nosso benefício muito do que antes de nós foi feito, — podemos descortinar, quase sempre, em cada biógrafo, um anão às cavalitas do biografado. A imagem é redutora mas incorpora a hipótese central deste conjunto de reflexões. Abordamos um autor com o intuito de

⁴ MONIZ, Egas. *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946, doravante referido pelas iniciais JDSO.

⁵ MONIZ, Egas. *O Abade Faria na história do Hipnotismo*. Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, S/D, grafado AFHH daqui em diante.

⁶ MONIZ, Egas. «A Necrofilia de Camilo Castelo Branco» in Saavedra Machado (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925, que indicarei como NCCB a partir de agora.

⁷ Unidades biográficas elementares, na base das quais se compõe uma biografia, tal como na linguística estrutural se atribui a designação de fonema à menor unidade fonética articulável. Conceito elaborado por Roland Barthes, mencionado pela primeira vez no prefácio do seu livro *Sade, Fourier, Loyola* (BARTHES, *Roland. Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection «Points», 1971, p. 12).

conhecer melhor as suas contribuições, para, de algum modo, as julgarmos, e para tomar lugar nesse novo espaço de significação que se afirma no novo texto.

Tomaremos, para exemplificar, três ensaios de carácter biográfico que Egas Moniz escreveu sobre outras tantas figuras. Primeiro, o texto acerca do Abade Faria (AFHH), que Moniz enaltece pelo papel que teve na história do hipnotismo; depois, Júlio Dinis (JDSO), objecto do mais volumoso ensaio que Egas Moniz escreveu no género; e, finalmente, Camilo Castelo Branco (NCCB), a quem Moniz dedica, desde a 6.^a edição de *A Vida Sexual* (Lisboa, 1923, p. 393), um exercício de questionamento acerca de alegados traços de necrofilia, para depois, quer em *A Vida Sexual*, quer nesta sua contribuição para a obra colectiva *In Memoriam de Camillo*, — comemorativa do centenário do nascimento do autor do *Amor de Perdição* — concluir que não é (bem) disso que se trata.

É por esta altura (meados dos anos 20) que Moniz deixa de publicar quaisquer textos sobre sexualidade e psicanálise, contrariando, inclusivamente, um projecto que consistia em trazer a público uma obra de maior fôlego acerca dessas matérias⁸.

A alguns dos capítulos do nosso trabalho damos maior desenvolvimento na presente edição, esperando completá-los, em breve, com um volume que trazemos entre mãos sobre o Complexo Sexual que é, por assim dizer, o estudo filosófico e clínico da sexualidade que a escola de Sigmund Freud, de Viena, veio tão profundamente modificar⁹.

A manutenção de um tal projecto até, pelo menos, ao início dos anos 30, exclui a explicação geralmente adiantada para Moniz ter «abandonado» a produção científica neste terreno. O facto de se ter concentrado, com êxito, no aperfeiçoamento do método arteriográfico, — que viria a conduzir à Angiografia Cerebral, divulgada internacionalmente a partir de Junho de 1927, — não obstou a que prosseguisse, ao que o próprio afirma, na preparação de uma obra cujo sentido geral nos é revelado. Seria, segundo o próprio autor, o desenvolvimento das teses condensadas em *O Conflito Sexual*. O abandono do projecto que consistiria na publicação da obra tão prometida pelo autor como esperada pelo editor, dá-se, pois, no período de gestação da *psicocirurgia*, cuja investigação experimental se inicia em finais de 1935. É depois de se entregar à conceptualização da *psicocirurgia*, e iniciar a primeira série de leucotomias pré-frontais, que Moniz, sem qualquer justificação conhecida, abandona o projecto que consistiria no aprofundamento de abordagens anteriores, quer ensaísticas quer clínicas, em que adoptou a perspectiva psicanalítica.

Em todo o caso, e para efeitos de articulação entre psicanálise, biografia, psicografia e autobiografia, a invocação do saber psicanalítico concorre para o reforço do

⁸ Faz referência expressa a esse plano na 10.^a edição de *A Vida Sexual*, em 1931. A crer nos propósitos do editor, o projecto já estaria bastante adiantado: «Esperamos agora do Sr. Professor Egas Moniz o cumprimento de uma promessa que nos foi feita e para a qual, sabêmo-lo bem, tem amalhado muito material. É indispensável que o brilhante clínico complete esta série de estudos com o anunciado volume O Complexo Sexual.» Advertência do Editor in Moniz, Egas. *A Vida Sexual*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932.

⁹ Ob. Cit., pp. XX e XI. Em pé de página, Moniz acrescenta que «(...) o Conflito Sexual – que corre impresso e que é uma condensação do trabalho de maior fôlego que pretendemos dar à estampa.»

«poder biográfico». Destina-se a descortinar, na história emocional e nas manifestações da sexualidade do biografado, um perfil explicativo das suas orientações, opções e destinos, de acordo com o padrão estabelecido com o ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci¹⁰.

Relativamente ao partido que Egas Moniz poderia ter tirado desse valor acrescentado que os saberes da psicanálise conferem ao poder biográfico, parece ter ficado pelo princípio, como argumentaremos a seguir. Foi pouco depois de ter iniciado a fase de produção de notas de carácter biográfico que Moniz abandonou o modelo de análise desenvolvido por Freud.

2. O Abade Faria: hipnotismo, ciência, psiquiatria e poder

O interesse de Moniz pelo hipnotismo mantém-se praticamente inalterado desde que lhe dedicou um primeiro escrito, em 1914¹¹, até, pelo menos, 1945, quando é convidado a discursar na cerimónia de homenagem prestada ao abade goense¹². Pelo meio, em 1925, Egas Moniz dá à estampa um estudo predominantemente biográfico acerca do Abade Faria (1756-1818), — «O Abade Faria na história do Hipnotismo»¹³.

O hipnotismo (o sonambulismo ou *sono lúcido*, como lhe chamou o Abade Faria) constituía, ao tempo, um fenómeno na fronteira dos saberes místicos, (incluindo as correntes espíritas), com os conhecimentos médicos e científicos. Fora objecto de várias obras orientadas para a descrição e racionalizada da sua natureza e efeitos. Lombroso (que Moniz lia e citava) dedicou a este assunto uma série de observações reunidas num volume publicado em 1911. Aí analisou as correlações entre as práticas espíritas e o fenómeno hipnótico, sem, no entanto, eliminar radicalmente os postulados do magnetismo *mesmeriano*¹⁴. O assunto revestia várias dificuldades de abordagem. Debatia-se, no plano médico-legal, a legitimidade do seu uso na investigação criminal, e colocava-se, mesmo, a questão de saber se o resultado dos interrogatórios a suspeitos hipnotizados deveria ou não ser considerado suficientemente fiável e probatório.

Tendo adoptado o método hipnótico como técnica auxiliar, quer de diagnóstico, quer de terapêutica, e sendo frequentemente solicitado a produzir pareceres médico-legais, Moniz veio a terreiro para pôr os pontos nos iis a esse respeito, em 1914, no artigo atrás referido. Já nesse texto se alude que o Abade Faria, no entendimento de um dos seus mais notáveis biógrafos, — Dalgado¹⁵ — desempenhou, na história do

¹⁰ FREUD, Sigmund. *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.

¹¹ MONIZ, Egas. «As novas ideias sobre o Hipnotismo. Aspectos médico-legais». *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, n.º 4, Separata de 14 pp, Lisboa, 1914.

¹² MONIZ, Egas. «O Abade Faria e o hipnotismo científico». Oração proferida na sessão solene de homenagem ao Abade Faria in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série LXIII, fasc. 5-6, pp. 191-197, Lisboa, 1945.

¹³ Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925, cujo texto consultámos na edição anteriormente referida (ver nota 6).

¹⁴ LOMBROSO, Cesare. *Hipnotisme et spiritisme*, Paris, Ernest Flammarion, 1911.

¹⁵ DALGADO, D. G. *Mémoire sur la vie de l'Abbé de Faria*, Paris, Henri Jove, 1906.

hipnotismo, um papel crucial, ao tê-lo desembaraçado do enquadramento *mesmeriano* que fazia repousar na noção de magnetismo animal, enquanto fluido vital e universal, a explicação do fenómeno.

A decisão de Moniz, ao biografá-lo, 11 anos volvidos, corresponde, pois, antes de mais, à necessidade de consolidar a concepção de hipnotismo que abraçava, de modo a torná-la, aos olhos dos leitores, compaginável com as práticas médicas e científicas de que, acima de tudo, se arrogava. Neste caso, o trabalho de historiador, documentando e demonstrando o que cerca de um século antes fora feito pelo Abade Faria e reconhecido por muitos outros, constituiria um argumento inabalável para consolidar as «Novas ideias sobre o hipnotismo»¹⁶. Simbolicamente, Moniz coloca-se na esteira de Faria, indicando a filiação conceptual que contribuía para conferir respeitabilidade ao método e aos seus praticantes qualificados, demarcando-se das invocações místicas e mágicas que haviam também adoptado o sonambulismo, os tranSES mediúnicos e os «passes magnéticos».

Após ter apontado uma série de inexactidões em obras precedentes acerca do Abade, Egas Moniz, expõe o seu propósito «manifesto»:

*Servem estas apreciações para mostrar a necessidade deste estudo médico e biográfico, em que pretendemos fazer uma apreciação imparcial da obra do padre goense, divulgando-lhe o valor na pátria portuguesa, onde a sua vida é quase desconhecida.*¹⁷

A componente biográfica da obra segue de perto os trabalhos de Dalgado, acrescentando-lhe uma diligência, que, apesar de inconcludente, lhe permite manter hipóteses anteriores¹⁸. Apesar de os resultados obtidos nem sempre se ajustarem à versão de Moniz, ele insiste, valorizando mais a sua intuição do que as provas documentais. Aviva no biografado alguns traços polémicos (o envolvimento de Faria e de seu pai na conjura dos Pintos, que ainda suscita dúvidas, hoje, aos investigadores); sublinha algumas das suas fraquezas de carácter (o episódio em que Chateaubriand ridiculariza Faria por este não ter conseguido, tal como se propusera, matar um canário pela acção hipnótica, na casa de Marquesa de Custine¹⁹ e a sessão pública em que o actor Potier o põe a ridículo²⁰), reconhecendo-lhe, apesar disso tudo, um papel crucial na história do hipnotismo.

*O que é indispensável é levantar a sua memória do esquecimento a que foi votada em Portugal, à luz das doutrinas que defendeu, criando a sugestão hipnótica, que ainda, na hora presente, passado mais de um século, se mantém íntegra, tal como a descreveu.*²¹

¹⁶ MONIZ, 1914. *Ob. cit.*

¹⁷ AFHH, p. 27.

¹⁸ É o caso da sua confiança no valor de verdade dos títulos invocados por Faria, apesar da busca infrutífera de provas documentais acerca da pertença do Abade Faria à Sociedade de Medicina de Marselha, AFHH, p. 8 (nota de rodapé).

¹⁹ AFHH, pp. 48-49.

²⁰ *Ob. cit.*, pp. 113-114.

²¹ *Ibidem*, p. 109.

Porém, explorando a latitude que o exercício do «poder biográfico» confere, procede ao tratamento de outras questões que não têm a ver directamente com o biografado, mas se relacionam, ainda, com diferenças de entendimento acerca do hipnotismo, designadamente as que o opõem a Freud, Babinski e incertos. Moniz faz, pois, a partir daqui, aquilo que referimos no início: cria um espaço discursivo na narrativa biográfica, para que, além da afirmação que consiste em evocar o biografado, reproduzido pelo poder da palavra do biógrafo, e acrescenta-lhe um espaço de debate por interesse próprio.

Com Freud, as discordâncias são apresentadas indirectamente. Na altura em que Moniz deu forma de letra à sua lição «As bases da Psicanálise» (1915), Freud havia já abandonado a prática do hipnotismo, preferindo-lhe o diálogo em estado de vigília, a associação livre de ideias e a interpretação dos sonhos. Moniz admite que em circunstâncias quasi-hipnóticas²² também se consigam bons resultados, mas a sua combatividade na defesa do método desvela a preferência que lhe dedica.

Com Babinski a discussão é mais tortuosa. Babinski é um reputado neurologista francês que Moniz conhece desde o princípio do século, quando rumou a Paris com o fito de complementar a sua formação psiquiátrica e neurológica. Conhece-o pessoalmente. É visita de casa. Babinski apoiá-lo-á, dois anos depois, quando Moniz chegar a Paris, no início do Verão de 1927, com uma série de arteriografias debaixo do braço, reivindicando a paternidade do primeiro método de diagnóstico que permitirá visualizar, *in vivo*, a árvore arterial do cérebro. Porém, agora, trata-se apenas de aproveitar a boleia do Abade Faria para discordar de Babinski.

Babinski estabelece uma equivalência sumária entre histeria e hipnotismo. Para ele, o grau de permeabilidade à sugestão é directamente proporcional à histeria do paciente hipnotizado, o que se afigura, a Moniz, bastante redutor. Mas, ainda por cima, Babinski põe em causa a própria veracidade e autenticidade do hipnotismo. E, a esse propósito, Moniz não pode deixar de atalhar com os resultados da observação disponíveis, incluindo as suas próprias experiências. Para fazer vencer a sua tese, Moniz chega a classificar como «negativista» a argumentação de Babinski²³.

Apesar de, a partir de 1925, ter praticamente deixado de escrever acerca da sexualidade ou da psicanálise, Moniz ainda tornará a falar e escrever acerca do hipnotismo e do Abade Faria, cerca de 20 anos depois.

A justificação, dignificação e defesa do método hipnótico contra os seus detractores, ressalta do conjunto. A filiação simbólica, também. O pretexto biográfico pavimenta a via para um ajuste de contas com próximos e distantes, incapazes de discernir, na feira para onde o hipnotismo fora levado, a utilidade diagnóstica e terapêutica de que o autor, na primeira pessoa, dava testemunho experimental.

²² Moniz chama-lhe, noutro texto, o «estado hipnótico». Ver, p. Ex. MONIZ, Egas. «O Conflito Sexual» in *Portugal Médico*, n.º 9, 1921, p. 397.

²³ Moniz discute o conteúdo de um artigo de Babinski publicado na *Semaine Médicale* de 1910. (AFHH, p. 71). Curiosamente, em obra anterior – *A neurologia na guerra* (Moniz, 1917) – Egas Moniz não só adere como elogia a interpretação de Babinski acerca da histeria, abstendo-se, na altura, de quaisquer considerações de carácter psicanalítico. Agradeço ao Dr. Morgado Pereira a observação e o conselho de leitura que me permitiram constatar a intermitência com que Moniz se servia ou não do adquirido freudiano.

3. Júlio Dinis: um precursor da psicanálise?

Joaquim Guilherme Gomes Coelho foi, além de um consagrado homem de letras, usando o pseudónimo de Júlio Deniz, um médico, cuja preparação Moniz documenta e enaltece, lamentando a sua morte prematura e fazendo passar, frequentemente, a ideia de uma grande identificação e proximidade espiritual.

A obra foi inicialmente publicada em dois volumes²⁴, contendo, no capítulo final do 1.º, um dos textos de referência para a história da recepção da psicanálise em Portugal. Em *Júlio Dinis e a Sua Obra*, Moniz toma como instrumento de crítica literária, uma aplicação psicobiográfica (neste caso, no terreno da interpretação dos sonhos) a um episódio extraído de *Uma Família Inglesa*.

No entendimento de Egas Moniz, se o Abade Faria é considerado, ao fim e ao cabo, o precursor do hipnotismo moderno — do diagnóstico da histeria e da identificação e tratamento das neuroses — Diniz, poderia ser considerado um psicanalista *avant la lettre*.

O prefácio de Ricardo Jorge (1858-1939) a *Júlio Dinis e a Sua Obra*, (JDSO) exemplifica o distanciamento e a desconfiança que os ventos da psicanálise espalhavam na época, se bem que, simultaneamente, dê prova de uma certa curiosidade e abertura face ao seu carácter inovador. Confessando não ter ainda tido tempo de ler o texto todo, o célebre higienista escreve

*Discípulo do famoso Freud, um dos grande dominadores do pensar contemporâneo, aplica ao seu protagonista o sistema da psico-análise que tanto hoje anda em berra. Talvez por pequice da minha ignorância, estou um pouco de pé atrás sobre o freudismo. Não me quadram as suas generalizações temerárias a transcender os rigores da órbita científica, e muito menos a radicação sexualista das qualidades sentimentais e éticas. Erros que sejam, tem de reconhecer-se que na ciência e na prática há erros úteis de grande alcance, a abrir horizontes novos ao progresso da prescrutação ideativa; e não sofre dúvida que a psico-análise se tornou um instrumento crítico de alta valia. As biografias têm-se ressentido do seu influxo. Hei-de ler com mais detenção o seu ensaio, e até doutrinar-me consigo sobre os mistérios do freudismo. Até morrer, aprender.*²⁵

Em JDSO, Egas Moniz acompanha, através de testemunhos e da leitura da correspondência, o agravamento da tuberculose de Júlio Dinis, as estadias na Madeira e, por fim, a sua morte, ocorrida em 12 de Setembro de 1871.

Moniz corrige algumas vezes Eça de Queiroz, cujo estilo crê reconhecer no memorial dedicado a Júlio Diniz, na edição de *As Farpas*, publicada no ano da sua morte. Em desacordo com a avaliação que Queiroz faz acerca da popularidade do autor de *A Morgadinha dos Canaviais*, Moniz vai anotando, em pé de página, as suas discordâncias²⁶.

²⁴ MONIZ, Egas. *Júlio Denis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1924, 2 Volumes.

²⁵ Ricardo Jorge. «Prefácio» in Moniz, Egas., *Júlio Dinis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1914, 3.ª Edição, I Volume, p. XV e XVI.

²⁶ N' *As Farpas*, o texto a que Moniz se refere, reza assim: «Tanto é o nosso mal que este espírito excelente não ficou popular: a nossa memória, fugitiva como a água, só retém aqueles que vivem ruidosamente, com

As características literárias que os autores de *As Farpas*²⁷ apontam à obra de Júlio Dinis, reduzem-na a uma espécie de paisagismo, relativamente acrítico. Face aos valores da escola do realismo, essa caracterização sublinhava os limites e insuficiências das observações do meio e de crítica social do autor, que passa frequentemente ao lado de questões conflituais. Ora esta constatação não merece reparo especial de Moniz. Nas artes plásticas, como na literatura, Egas Moniz faz precisamente da noção de paisagem um padrão estético. Quanto mais o artista é fiel ao mundo que o rodeia, reflectindo, como um espelho, o que está e o que passa, mais valiosa é a sua arte. Poderia ainda acrescentar-se que esta noção de paisagem estava também na base do escrutínio psiquiátrico que Moniz revela n' *Os Pintores da Loucura*²⁸.

O Título do capítulo XIV de JDSO é precisamente *Realista e Paisagista*. Egas Moniz explicita longamente o seu critério de análise estética, justificando a admiração que Júlio Diniz lhe despertava:

A escolha de gente boa para a urdidura dos seus romances pode, num certo meio social, trazer-lhe admiradores; mas não são em menor número os que preferem a arte martirizada dos que escarpelam as podridões sociais.

(...)

*Júlio Dinis deixou para outros as descrições dos aleijões físicos e sociais e andou, pela sua família e pela vida aldeã, a recrutar figuras ingênuas e doces, como as de alguns quadros de Goya, para as obrigar a representar apenas o indispensável na acção dos seus romances, de sorte a não se deturparem em exhibições cruéis. Procurou, em geral, terminar as suas narrativas de uma maneira agradável. A desgraça incomodava-o, revoltava-o. Raras vezes a fez cair, mesmo em fantasia, sobre os seus personagens.*²⁹

Os primeiros capítulos são dedicados ao Júlio Denis estudante, à sua dissertação inaugural e outros pormenores que se prendem com o percurso académico. Justificando a obsolescência parcial das teorias então vigentes, Moniz põe em destaque o que, desde 1864 (ano da formatura de Denis) até à data em que escreve, se desactualizou.³⁰

um relevo forte: Júlio Denis viveu de leve, escreveu de leve e morreu de leve!». Ao que Moniz contrapõe: «Se não o era [popular] nesse tempo – e cremos que já o era – veio depois a sê-lo.» [JDSO, p.117] ou «Nesta parte é que estamos em completo desacordo», [Ob.Cit., p. 119]

²⁷ Saliente-se que, independentemente de Moniz ter, ou não, acertado na identificação do estilo de Eça, Ramalho Ortigão permanece co-autor dos textos que compõem *As Farpas*.

²⁸ António Pedro Pita chamou a atenção para este aspecto da padronização estética de Moniz, referindo igualmente o seu embevecimento diante da obra de Júlio Diniz: «Do seu ângulo problemático, a arte prolonga a experiência empírica das coisas; a obra de arte é sempre, não uma transfiguração, que torna visível o que sem ela permaneceria desconhecido, mas uma aceleração do processo de reconhecimento em que o olhar pousado sobre a obra realiza uma operação de coincidência com elementos da ordem extra-artística, identificando verdade e verosimilhança. O elemento organizador do pensamento estético de Egas Moniz é a noção de paisagem.» Pita, A.P., «Arte, animal domesticado. A questão da arte na obra de Egas Moniz» in Pereira, A. L. e Pita, J.R., (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 229.

²⁹ JDSO, pp. 247-248.

³⁰ «Nada mais fugaz, nada menos duradouro do que os livros e tratados de medicina! Em todas as ciências e nomeadamente nas ciências biológicas, a verdade é sempre relativa. Às concepções de hoje, sucedem-se as doutrinas opostas de amanhã. Na Medicina, sobretudo, onde os progressos são mais constantes

Dado que Gomes Coelho, praticamente, não exerceu actividade clínica, a crítica que Moniz lhe lança quanto à falta de apoio experimental e ao diminuto conhecimento de casos, revela-se deslocada relativamente ao biografado. Apesar das numerosas prevenções quanto ao carácter histórico do conhecimento científico e médico, da sua transitoriedade e rápida obsolescência, a condenação implícita das insuficiências do ensino e das práticas médicas anteriores, com várias manifestações pré-científicas, coloca o narrador numa posição redobrada de detentor de um conhecimento com maior capacidade e poder explicativos.

Em seguida, procede a uma série de classificações, conferindo uma proeminência especial à tuberculose. Compara a sua produção poética à de Soares dos Passos

*Júlio Dinis – poeta seguiu na esteira do romantismo melancólico e pessimista de Soares dos Passos*³¹.

Cita Morselli e Lombroso para sublinhar os efeitos da «psicose tóxica da tuberculose»³², e, lançando, de passagem, uma crítica às crenças de natureza homeopática³³, acentua a influência da tuberculose:

*Em resumo: a doença influiu, por certo, na sua obra, dando-lhe uma suavíssima atmosfera de melancolia e de bondade.*³⁴

Moniz procede, assim, a uma reavaliação de Júlio Dinis, arrumando a vertente médica e científica na conta dos arcaísmos recentes. Em contrapartida, reforça a importância artística e literária do autor de *Uma Família Inglesa*, contrariando aqueles que têm da obra e do autor uma opinião menos favorável.

Dinis, na mediação que Moniz dele faz, vira-se para a eternidade como um talentoso «paisagista», preocupado com a meteorologia no plano académico, condicionado pela psicose associada à tuberculose que o vitimou, mas dotado de um talento literário que ultrapassa todas as fragilidades elencáveis.

O ensaio biográfico e de crítica literária com cerca de 500 páginas na sua 6.^a edição, em que a obra passou a ser reunida num só volume³⁵. Tornar-se-ia difícil, a partir de então, ignorar o que Moniz escrevera acerca do autor dos *Fidalgos da Casa Mourisca*.

devido ao esforço de muitos milhares de seus cultores, a mutação é mais rápida e mais radical.» [JDSO, 32]. E acrescenta mais adiante: «Por isso não admira que, transcorridos sessenta e três anos sobre a tese de Gomes Coelho, cientificamente pouco possamos dela aproveitar. Ainda se o autor tivesse concretizado o seu trabalho em observações directas de doentes, ou experiências fisiológicas e laboratoriais, e a ambas se prestasse a natureza da tese, alguma coisa perduraria. Assim, tirando algumas notas, tudo é velho e desusado. Ao tempo, a orientação experimental e a rigorosa observação científica não marcavam ainda o caminho por onde deveria seguir o ensino médico.» [JDSO, 33]

³¹ JDSO, p. 177.

³² JDSO, pp. 178 e 179.

³³ Ob. Cit, pp. 189-190.

³⁴ Ibidem, p. 182.

³⁵ 6.^a Edição, Livraria Civilização, Porto, 1946. Anteriormente foi publicada em dois volumes, pela Casa Ventura Abrantes, Lisboa, 1924 e 1925.

Um e outro ficavam, deste modo, associados intertextualmente, tanto mais que Moniz se dava ao trabalho dedicado e minucioso de proceder a uma reconstrução biográfica em que, a par de matéria factual de fácil reconhecimento, reinterpreta aspectos até então desatendidos, ou pondo em relevo, mesmo, facetas completamente inexploradas. Na conta destas últimas, a aura do psicanalista *avant la lettre*, ocupa um espaço específico no conjunto de textos associados à recepção da psicanálise em Portugal. É o capítulo XVIII do 1.º volume (edição de Lisboa) e intitula-se *Júlio Dinis e a Psicanálise*.

Moniz extrai das páginas de *Uma Família Inglesa*, o episódio em que Cecília — uma das personagens — descreve um sonho que tivera recentemente. Despreza o cenário e concentra-se no fazer e desfazer de laços que uma estranha viagem de barco parece implicar. Procura relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho, sem perder de vista que se trata de uma construção literária. Carlos — outro dos personagens — vem a cavalo sobre o mar. Celina, acompanhada de outras gentes com quem se cruza no quotidiano, observa tudo, aflita, e quer gritar. Não consegue. Moniz conclui que, ao não conseguir gritar, Celina está a revelar a sua inconsciente recusa de desposar Carlos.

Moniz evidencia, face a Dinis, uma extrema empatia, acompanhada por uma constante justificação, admiração e concordância, apenas exceptuadas, aqui e ali, por razões de carácter histórico-científico. Júlio Dinis não chega a ser sujeito ao escrutínio edipiano, sendo-lhe reservado um limbo de leveza angelical, quase assexuada. Os seus amores são etéreos, os seus desejos moralmente irrepreensíveis, na vizinhança de um suposto ascetismo que o inocenta e o põe a salvo do império do inconsciente. É nessa versão de uma existência leve e breve que Moniz, no lugar do biógrafo, se projecta indistintamente.

Como prova de contraste entre a projecção e a denegação, a sombra de Camilo Castelo Branco perpassa já nas páginas de JDSO. Em primeiro lugar, porque é Chefe da Redacção da revista de onde é disparada uma das críticas desfavoráveis à obra de Júlio Dinis, que Moniz comenta; depois, porque é retratado pelo próprio Júlio Dinis num encontro casual, em Lisboa, no qual Camilo se desfaz em íntimas confidências, sem, no entanto, demover Júlio, que se mantém de pé atrás, desconfiado da espontaneidade de Camilo; e, finalmente, porque a etiologia das doenças de ambos passam frequentemente em subtexto.

4. Camilo Castelo Branco: um título abusado.

Antes desta aplicação da teoria da psicanálise à crítica literária com uma componente biográfica, Egas Moniz já fizera referência a Camilo em *A Vida Sexual*, propondo-se averiguar até que ponto o trecho que então cita e, mais tarde, retoma, na confecção do texto agora em análise, configurava, ou não, um caso típico de necrofilia³⁶.

³⁶ Egas Moniz propõe-se «Julgar o grande romancista perante a acusação que poderiam fazer-lhe de ter sido um necrófilo» (NCCB, p. 48). A inclusão do caso em *A Vida Sexual*, data da 6ª edição, de 1923, p. 393.

O pretexto funda-se numa elaboração de Lopes de Oliveira, cerca de 20 anos antes, na revista *Germinal*. Aí se remetia para a descrição da exumação do cadáver de Maria do Adro, amada de Camilo, numa noite de trovoadas e relâmpagos, incluída nas *Memórias do Cárcere*. Lopes de Oliveira acrescentara que Camilo conservara, depois, «sempre junto de si o esqueleto». O texto em apreciação fora publicado sob o título de «Memória Indelével», no *Aurora do Lima*, corria o ano de 1857. Desde então, motivou inúmeras apreciações a favor e contra a tese da necrofilia de Camilo³⁷.

Um ano antes, no opúsculo dedicado a Júlio Dinis, Moniz faz-lhe uma referência lateral. Tal como já mencionei, Egas Moniz compulsava algumas das críticas dirigidas ao seu biografado, considerando-as injustas. Entre elas, figuram as que lhe são dirigidas por José Maria de Andrade Ferreira, em textos publicados na *Gazeta Literária*, em cuja redacção se encontra Camilo Castelo Branco³⁸.

Fica no ar a ideia implícita de que Camilo poderia estar, ainda que indirectamente, associado a essas críticas desfavoráveis; depois, num encontro, em Lisboa, que Júlio diz ter ocorrido, e em que a atitude calorosa de Camilo contrasta com a frieza e reserva de Júlio. Daqui decorre que, a justificar-se a desconfiança de Júlio Dinis, Camilo, algum agravo lhe teria feito...

As relações entre Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco eram então descritas com base na correspondência do primeiro, que via em Camilo um certo tacticismo por detrás da afabilidade e da cortesia que lhe dispensava (mais em Lisboa do que no Porto); enquanto, da parte de Júlio Dinis, se manifestava uma certa frieza e desafeição, por ver nas manifestações de Camilo uma cortesia postiça e circunstancial.

É essa a impressão geral que fica, apesar de Camilo ter também manifestado, por escrito, o mesmo apreço e admiração que expressara pessoalmente e de viva voz, pela obra literária de Júlio.

Apesar das apreciações genéricas que Moniz vai fazendo, aqui e acolá, ao talento, à criatividade e ao estatuto literário de Camilo, acaba por deixar dele uma imagem desfavorável. Associa-o, primeiro, às cargas críticas de Andrade Ferreira, na *Gazeta Literária*; formula a suspeição de necrofilia, indagando sobre as ligações existentes entre o recurso literário e a biografia do autor; e, finalmente, absolve-o dessa perversão, assinalando, no entanto, as características social e moralmente insanas e reprováveis do comportamento de Camilo.

Camilo não é precisamente um necrófilo, no entender de Moniz, *mas...*; não consuma nenhum dos actos que caracterizam as perversões necrófilas, *mas...*; é aliás a instabilidade emocional, o estado de agitação e os impulsos descontrolados que configuram os arroubos criativos de Camilo, que estão na base do seu comportamento desregrado.

Basta ler o que Moniz escreve acerca de Júlio Dinis, a quem elogia a platitude, a serenidade e a recusa sistemática dos temas e personagens sombrios, para se deduzir, afinal, em que conta Moniz tinha Camilo.

³⁷ Ver, p. ex. Cabral, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988, p. 441.

³⁸ Moniz refere-se a uma edição da *Gazeta Literária* de 1868. Na crítica assinada por Andrade Ferreira, o estilo de Júlio Dinis é apodado de «repintado e lambido» (JDSO, p. 277).

Este ensaio de Moniz insere-se num conjunto de outras contribuições reunidas num volume *In Memoriam de Camilo*³⁹, destinado à celebração do centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco, que compreendia ainda a inauguração de um busto e atribuição do seu nome a uma das ruas da cidade do Porto.

Pondo de parte a arte da titulação, — já que a designação «A necrofilia de fulano» produz um efeito de sentido oposto ao da conclusão a que Moniz chegará, acabando por inocentar Camilo, — repare-se que, após a circunstanciada descrição da exumação do cadáver, Moniz vai anotando observações de extracção clínica. Camilo, por exemplo, ao tempo dos acontecimentos narrados, tinha 16 anos. Moniz comenta:

*Era o primeiro agitar de um complexo sentimental que tão fortes acidentes havia de trazer-lhe pela vida fora.*⁴⁰

E, após ter identificado o sujeito da enunciação com o autor da narrativa, prossegue, sinalizando o contacto com o cadáver mas recordando que na fase em que se estuda anatomia «não há uma grande repulsa pelos mortos», a que junta, de imediato, um argumento de autoridade: — «Todos os médicos o sabem».

Seguidamente, Moniz elimina o «móvel sexual». Se tal fosse o caso «Camilo não o contaria».

Constata a inexistência de qualquer ideia lúbrica no relato, e o facto de Camilo ter participado na exumação a convite de um médico, leva-o a aduzir que, quanto muito, se tratou de «uma extravagância a roçar pelo anormal»; garante que Camilo «não só nunca foi um anormal genésico, mas [também] não mostra, por este relato, o mais leve pendor para o campo das perversões sexuais»; e conclui que «Foi uma curiosidade comandada em parte pela sua índole de aventureiro sentimental».

As duas ideias fortes que ficam deste ensaio de Moniz são: 1.º, a de que a suspeita merece atenção (e o título, repito, sugere o oposto do que Moniz conclui); 2.º que «quanto muito» se tratou de uma «extravagância a roçar pelo anormal». O «roçar pelo anormal» é aqui a chave.

Enquanto, relativamente a Júlio Dinis, «avulta a verdade com que soube copiar do natural»⁴¹, Camilo, neste e em numerosos outros casos, «agita o complexo sentimental» que o «faz roçar pelo anormal».

Camilo é, assim, absolvido da acusação de que o «seu» comportamento poderia configurar uma perversão sexual em troca de um libelo acusatório de menor gravidade.

António Sardinha, que colabora também no *In Memoriam de Camilo*, exercita o ideário integralista, atribuindo a «anormalidade» de Camilo à sua ascendência hebraica, mas reconhecendo que:

Camilo, na sua espontaneidade fecundíssima, foi sempre governado por uma «disputa de mortos» como certamente diria Léon Daudet. Na verdade, se considerarmos a obra literária desse escritor como a libertação das imagens ancestrais que

³⁹ Saavedra Machado (Coord.). *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925.

⁴⁰ NCCB, p. 52

⁴¹ JDSO, p. 237.

lhe povoam o subconsciente, Camilo Castelo Branco aparece-nos como da estirpe dos Shaskepeare e dos Balzac.⁴²

Também, para Sardinha, havia em Camilo algo que o aproximava da morte e dos mortos; a sua «hereditariedade hebraica» explicava a sua «inquietação nervosa» e a sua «alma mórbida», mas parece querer compensá-lo com a ilustre «estirpe» que lhe atribui.

5. Conclusão

Estes três ensaios de Egas Moniz exemplificam algumas das estratégias que o género biográfico acolhe.

No caso de JDSO, a projecção positiva é evidente. Egas Moniz fala de Júlio Dinis colocando-o no lugar do seu *alter-ego*. O enlevo narcísico manifesta-se na benevolência das observações, em contraste com a desafeição com que trata o Abade Faria e, sobretudo, Camilo Castelo Branco.

Júlio Diniz é a personificação da pureza e um antecipador da *Interpretação dos sonhos*; Faria, sugere, é licencioso mas também o precursor de uma nova concepção de hipnotismo auxiliar da psicanálise freudiana; Camilo é o génio febril e instável, a questionar os padrões de normalidade.

Assim, apesar da promessa implícita que a psicanálise oferecia para se ir mais longe na análise dos autores e das obras que Egas Moniz escolheu, a sexualidade de Camilo é exposta na fronteira da perversão necrófila; a de Faria é aludida e insinuada; e a de Júlio Diniz é omitida ou fantasiada.

A densidade biográfica é amplamente melhor conseguida com Dinis do que com Camilo ou Faria. A recolha documental, o investimento comparativo, a extensão textual, diferem abissalmente nestas três obras.

Comprovando que a biografia pode ser a continuação da auto-biografia por outros meios, Moniz identifica-se estreitamente com Dinis, assemelha-se a Faria no posicionamento face ao hipnotismo e aponta, com um título insinuante, para o que poderia ter sido uma perversão necrófila do autor do *Amor de Perdição*.

O instrumento analítico que permite inquirir sobre a intimidade do biografado, perscrutando-lhe o inconsciente, revelando aspectos da sua vida privada, preferências e orientação sexual, desejos, sonhos e fantasias, possibilitando ao biógrafo o exercício de um poder suplementar, mais intrusivo e estigmatizante, sobre o biografado, manifesta-se fragmentariamente nesta fase da produção monisiana, para, logo depois, desaparecer completamente dos seus escritos e conferências.

Paralelamente, como atrás referimos, os planos relacionados com a publicação de um tratado acerca das questões sexuais, outrora prometido e anunciado, deixam de ser mencionados, e caem no esquecimento.

Ao desenvolver o conceito de Processo Civilizacional, Norbert Elias estabeleceu, em paralelo, uma categorização assente no contínuo Envolvimento-Distanciamento (Involvement — detachment), para descrever a postura «psicológica» dos intervenientes

⁴² SARDINHA, António. «O Génio de Camilo», *In Memoriam de Camilo*, p. 634.

humanos. De acordo com a sua classificação, o maior envolvimento dos actores históricos traduz-se no particularismo, no imediatismo, e no localismo dos objectivos prosseguidos, enquanto o maior distanciamento favorece a generalização, a mediação, o planeamento e a globalização das estratégias. Para a matéria em estudo, tem particular relevância um dos exemplos que dá da operacionalização do conceito. Escreve ele que

To give a brief and all too simple example of their meaning in this context: a philosopher once said, «If Paul speaks of Peter he tells us more about Paul than about Peter.» One can say, by way of comment, that in speaking of Peter he is always telling us something about himself as well as about Peter. One would call his approach 'involved' as long as his own characteristics, the characteristics of the perceiver, overshadow those of the perceived. If Paul's propositions begin to tell more about Peter than about himself the balance begins to turn in favour of detachment.⁴³

Quer isto dizer que o pretexto biográfico pode comprometer-se na medida em que a narrativa resultante inclua mais (ou melhor) informação acerca do biógrafo ou das questões que leva a peito, do que a propósito do biografado.

Moniz é um dos autores que, em termos do exercício do poder biográfico, acusa um elevado grau de envolvimento. Mais no AFHH e na NCCB do que em JDSO, o biógrafo posiciona-se, apontando as diferenças da ciência do seu tempo face aos arcaísmos que constata; acrescenta quase nada à informação existente acerca de Camilo Castelo Branco e do Abade Faria, chamando à colação questões afins que debate, directa ou indirectamente, com outras figuras e autores; põe a nu as fragilidades dos biografados e lavra a versão que lhe parece mais indicada.

Com JDSO, o escritor-médico surge idealizado. Poupa-o ao escopo psicanalítico. Em vez de o submeter ao escrutínio cerrado do mesmo tipo do que Freud usou no caso de Leonardo da Vinci⁴⁴, projecta-o, criativamente, nas suas personagens romanescas. Ele é o Carlos Whitestone de *Uma Família Inglesa*⁴⁵ ou o Daniel de *As Pupilas do Senhor Reitor*⁴⁶, num elogio a roçar o panegírico:

(...) como a melhor expressão da alma portuguesa, carinhosa e sentimental, em que a bondade floresce como a mais alta característica da raça!⁴⁷

Apesar das numerosas manifestações de uma vida sentimental atribulada, Moniz não só banaliza a projecção do autor no comportamento dos seus personagens, como o angeliza em face dos deslizes prostibulares que se deduzem das cartas publicadas,

⁴³ ELIAS, Norbert. *Involvement and Detachment*, The Collected Works of Norbert Elias, Vol. 8, Dublin, University College Dublin Press, 2007, p. 69.

⁴⁴ FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância/O Moisés de Michelangelo*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.

⁴⁵ JDSO, p. 268.

⁴⁶ *Ob. cit.*, p. 441.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 484.

particularmente as da série íntima e confidente que troca com Custódio Passos. A convicção de Moniz relativamente a Júlio Diniz é da ordem da predestinação⁴⁸, da pureza⁴⁹ e, mesmo onde outros o julgavam, compreensivelmente, maçador, do encanto.⁵⁰

A selecção de biografemas continua a ser, em qualquer caso, o eixo principal da produção biográfica. O exercício do poder biográfico requer, em paralelo, uma articulação optimizada na esfera pública, persuadindo historiadores, editores, críticos *et j'en passe*, de que a versão apresentada está conforme às exigências do rigor, do respeito das fontes e do equilíbrio hermenêutico.

Coisa que, a acontecer, representaria, muito provavelmente, o fim da história.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection «Points», 1971.
- CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988.
- CORREIA, Manuel. «Espelho meu. Ilusão biográfica e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz» in *Estudos do Século XX*, n.º 8, 2008, pp. 187-201
- DALGADO, D. G. *Mémoire sur la vie de l'Abbé de Faria*, Paris, Henri Jove, 1906.
- ELIAS, Norbert. *Involvement and Detachment*, The Collected Works of Norbert Elias, Vol. 8, Dublin, University College Dublin Press, 2007.
- FREUD, Sigmund. *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.
- LOMBROSO, Cesare. *Hipnotismo et spiritisme*, Paris, Ernest Flammarion, 1911.
- MERTON, Robert K. *Social Theory and Social Structure*, 1957.
- MONIZ, Egas. *A neurologia na guerra*, Lisboa, Casa Ferreira, 1917.
- MONIZ, Egas. *Júlio Denis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1924, I Volume.
- MONIZ, Egas. *Júlio Diniz e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946.
- MONIZ, Egas. *O Abade Faria na história do Hipnotismo*. Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977.
- MONIZ, Egas. «O Conflito Sexual» in *Portugal Médico*, n.º 9, 1921, pp. 385-401 (3ª série das antigas revistas *Gazeta dos Hospitais e Vida Médica*, Ano 14º).
- MONIZ, Egas. «A Necrofilia de Camilo Castelo Branco» In E.A e V. A. (Coord); e Saavedra Machado (Dir. Art.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925.
- MONIZ, Egas. «As novas ideias sobre o Hipnotismo. Aspectos médico-legais» in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, n.º 4, Separata de 14 pp, Lisboa, 1914.

⁴⁸ «Júlio Diniz nasceu escritor» (JDSO, p. 295).

⁴⁹ «(...) JD não suportava dedicações que não brilhassem puras e límpidas como a luz das estrelas» (*Ob. cit.*, p. 364).

⁵⁰ «De facto, quem lê os romances de Júlio Denis dispensaria uma ou outra apreciação mais longa de natureza psicológica. Contudo estas apreciações são, na maioria dos casos, as suas melhores páginas!» (*Ob. cit.*, p. 281).

- MONIZ, Egas. «O Abade Faria e o hipnotismo científico». Oração proferida na sessão solene de homenagem ao Abade Faria in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série LXIII, fasc. 5-6, p. 191-197, Lisboa, 1945.
- MONIZ, Egas. *A Vida Sexual*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932, 14ª Edição.
- PEREIRA, A. L. e PITA, J. R., (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.
- PITA, A. P. «Arte, animal domesticado. A questão da arte na obra de Egas Moniz» in PEREIRA, A. L. e PITA, J. R., (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.
- SARDINHA, António. «O Génio de Camilo» In E.A e V. A. (Coord); e Saavedra Machado (Dir. Art.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2010

